

# Ciclotimia

O presidente Fernando Henrique viajou para Portugal voando no céu límpido do otimismo. O que, com seu temperamento, não chega a surpreender pela novidade. Não apenas o presidente fez as pazes com a euforia. O último flagrante do governo, colhido e distribuído pelos inconfidentes de plantão, apresenta a equipe da casa, os íntimos, com todos os dentes à mostra.

A turma é um tanto chegada a tais variações súbitas do humor, reagindo aos bons ou maus ventos que soprem no cerrado. Chiliques de ciclotímicos. Longo, profundo mergulho nas águas turvas da fossa. O governo atravessou sua temporada de azar, quando tudo parecia dar errado. E na maré vazante lá se foi, barra afora, o sonho da reeleição.

Pois bastou ligeira aragem a favor para que o cenário palaciano recobrasse as cores vivas da alegria.

Não se pode negar justas razões para a curtição das angústias e a reviravolta das esperanças.

A bonança exorcizou o caiporismo do período de negrume do escândalo dos bancos, das denúncias cabeludas, das calamidades de Caruaru e da Clínica Santa Genoveva e, principalmente, das derrotas em série no Congresso, com a desagregação do bloco da maioria, de discutível fidelidade grudada pela barganha de favores. Na área parlamentar crítica, como único dado positivo, a aprovação do imposto do cheque para tampar rombos das roubafeiras no descalabro da Saúde.

Não é só isso. Viajar faz bem ao presidente. Atravessar o Atlântico e cair nos braços da emoção portuguesa significa colocar um oceano, como amortecedor, entre a recepção lusa festiva e afetuosa e a dura pancada na moleira, desferida pelo relatório de 96 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que analisou dados de 184 países. Lá é verdade que o Brasil escalou alguns degraus na escada dos últimos colocados, passando de 93 para este ano, da 63ª para a 58ª humilhante posição. A vermelhidão da vergonha que aquece nosso rosto ferve com a bofetada do índice desqualificante: o Brasil é o país com a pior distribuição de renda da América do Sul e está entre os três campeões mundiais da injustiça, na companhia da Guatemala e do Panamá. Não se diga que são misérias do mundo no qual as 358 pessoas mais ricas concentram nas burras miliardárias mais dinheiro do que o Produto Interno Bruto dos países com 45% da população do planeta.

De que tanto ri o presidente e tanto gargalha a cupinchada?

Baixando o nível das preocupações para as necessidades domésticas fica mais fácil entender a coceira risonha. A fervura baixou e o governo está emplacando intervalo para

respirar e recuperar o fôlego. As Olimpíadas enchem duas semanas que transbordam para as duas margens. Antecipam a amostragem do fenômeno do desligamento globalizante para a concentração universal no fascínio do esporte, servido em casa, via satélite e desdobradas na cobertura massificante da imprensa.

E, conforme o brilhareco das medalhas que a maior delegação brasileira de todos os tempos conseguir reunir, a recepção dos heróis olímpicos renderá mais uma semana, no mínimo, de badalações federais e estaduais.

A trégua enrosca-se com o aquecimento da campanha para a eleição de prefeitos e vereadores pelo horário de propaganda que começa a 2 de agosto.

Sempre sobrar para o governo a lambada das críticas e denúncias dos palanques e debates. Ora, chumbo trocado não dói. E se Fernando Henrique estiver bem nas pesquisas, não faltará quem o defenda.

Resta desatar o nó da convocação extraordinária do Congresso. Se é exato que o presidente fez a opção de correr riscos, teimando na votação das reformas polêmicas e de resultados duvidosos — como a da Previdência Social e a Administrativa —, a linha tática fica nítida. Desta vez Fernando Henrique não estará sozinho, como na guerrilha para a aprovação na Câmara, em primeiro turno, do imposto do cheque. Governadores e prefeitos, com as calças na mão e de fundilhos rotos, serão forçados a sair do muro e cabalar votos para alcançar os três quintos da exigência constitucional para derrubar a estabilidade dos servidores públicos.

Em qualquer caso, o presidente sairá no lucro se conseguir escapar do círculo do inferno das emendas constitucionais. E relaxar no facilitário da maioria simples. Ou, uma vez ou outra, da maioria absoluta.

**De que tanto ri o presidente e tanto gargalha a cupinchada?**